



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 24 - julho de 2020

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2020i24p182-198>

Aspectos da Clarice Lispector jornalista
Aspects of Clarice Lispector, the journalist

*Maria Isolina de Castro Soares**

RESUMO

Objetiva-se fazer, neste artigo, uma análise de produções jornalísticas de Clarice Lispector. Tendo-se destacado como uma das maiores autoras de contos e romances da literatura brasileira, a faceta de jornalista da escritora é pouco conhecida. Assinante de colunas do “universo feminino” na virada da metade do século XX, Clarice Lispector reproduz os clichês desse universo, dadas as características desse tipo de texto de propaganda não declarada de produtos de beleza, de fabricantes de tecidos e de outros produtos associados ao que era considerado preocupação das mulheres naqueles anos. Durante curto período, Clarice Lispector foi também *ghost writer* da atriz e modelo Ilka Soares, produzindo o mesmo tipo de texto dirigido exclusivamente às mulheres. Como entrevistadora, no entanto, a inquieta autora de textos questionadores do ser e da linguagem aparece, oferecendo ao leitor as marcas reconhecíveis da elaboração textual e da construção das personagens características da produção da escritora.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector; Jornalismo; Colunas femininas; Entrevistas

ABSTRACT

This article aims at analyzing Clarice Lispector's journalistic productions. Having distinguished herself as one of the greatest authors of short stories and novels of Brazilian literature, Lispector's facet as a journalist is little known. An author of "feminine universe" columns at the turn of the mid-twentieth century, Clarice Lispector reproduces the clichés of this universe, given the characteristics of this type of undeclared advertising of beauty products, textile manufacturers and other products associated with what was considered a matter for concern for women in those years. For a short time, Clarice Lispector was also the ghost writer of the actress and model Ilka Soares, producing the same type of text directed exclusively at women. As an interviewer, however, the restless author of texts that question the very being and language itself, emerges, offering the reader the recognizable marks of textual elaboration and characters' construction that typify Lispector's creative process.

KEYWORDS: Clarice Lispector; Journalism; Feminine columns; Interviews

* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo – Ifes – Colatina – ES – Brasil – isolinacastro@gmail.com.

Clarice Lispector (1920-1977) lançou seu romance de estreia, *Perto do coração selvagem*, em 1943. A partir dessa publicação, inúmeros olhares se voltaram para sua obra, hoje consagrada como uma das mais importantes da literatura brasileira em todos os tempos. Discorrendo sobre a prosa latino-americana em texto originalmente publicado em 1979, Antonio Candido diz que Clarice Lispector inovou a narrativa literária, “[...] fazendo ver que a elaboração do texto era elemento decisivo para a ficção atingir o seu pleno efeito.” (CANDIDO, 1989, p. 207). O crítico acrescenta que

Ela é provavelmente a origem das tendências desestruturantes, que dissolvem o enredo na descrição e praticam esta com o gosto pelos contornos fugidios. Decorre a perda da visão de conjunto devido ao meticuloso acúmulo de pormenores, que um crítico¹ atribuiu com argúcia à visão feminina, presa ao miúdo concreto. (CANDIDO, 1989, p. 210).

Antonio Candido percebe Clarice Lispector como precursora de tendências literárias que só posteriormente vão ganhar fôlego, como o *nouveau roman*². A acuidade do olhar do crítico mostra alguns procedimentos que serão recorrentes na obra da escritora, recursos praticados em seus textos literários e manifestos também em outra faceta bem menos conhecida, mesmo entre os leitores da Clarice romancista e da Clarice contista, que é a da Clarice Lispector jornalista.

Na introdução que a jornalista Clarice Lispector elabora para a entrevista que faz com José Calos Oliveira (1934-1986), seu amigo e escritor nascido no Espírito Santo, aparecem traços que vão criar um estilo de fazer entrevistas:

Sou amiga de Carlinhos, ou melhor, de José Carlos Oliveira, há muitos anos. Já vimos muito jogo de futebol na nossa televisão, quando meus filhos eram pequenos. Vou reproduzir uma das muitas conversas nossas.

Quando marquei entrevista com Carlinhos Oliveira jamais pensei que ela se tornaria como que um desafio de viola, o que nos divertiu e nos aguçou: tudo era tão rápido. Esta entrevista está “eivada” (jamais pensei que um dia usaria esta palavra), está eivada de várias palavras oficialmente impublicáveis. No entanto os leitores podem suprir as

¹ Segundo Clarisse Fukelman (2015), possivelmente Antonio Candido se refere a Gilda de Mello e Souza, em obra sobre Clarice Lispector.

² Nome dado pela crítica a obras de alguns escritores que, na França, nos anos 1950-1960, questionaram o modo de construção do romance tradicional herdado do Realismo. Essas obras recusam a concepção de herói, a verossimilhança, a onisciência e a coerência psicológica das personagens, ressaltando-lhes a vida interior e enfatizando o tempo não linear, psicológico. Informações disponíveis em: <https://www.etudes-litteraires.com/figures-de-style/nouveau-roman.php>. Acesso em: 3 abr. 2020.

lacunas com os palavrões que acharem mais convenientes. (LISPECTOR, 2007, p. 80).

Essa e outras entrevistas fazem parte do volume publicado em 2007 pela editora Rocco, intitulado *Entrevistas/Clarice Lispector*, organizado por Claire Williams. Algumas dessas entrevistas já tinham sido publicadas pela editora Artenova, em 1975, e relançadas pela Rocco em 1999. No volume organizado por Claire Williams, há 42 entrevistas, das quais 19 inéditas em livro³. Nelas podem-se divisar aspectos da entrevistadora, como hábitos, preferências, angústias, que ela revela ao entrevistado e ao leitor, muitas vezes invertendo os papéis que cada um deveria representar.

Clarice começou a escrever muito cedo. Em 1940, quando ainda cursava a faculdade, ela ingressou no Departamento de Imprensa e Propaganda⁴ para exercer, em princípio, a função de tradutora, mas trabalhou também como redatora da Agência Nacional⁵. Sua primeira reportagem, “Onde se ensinará a ser feliz”, foi publicada em 19 de janeiro de 1941, no *Diário do Povo*, de Campinas (SP), relatando a visita da primeira-dama da República, Darcy Vargas, a um orfanato feminino. No ano seguinte, ela começou a trabalhar como redatora de *A Noite* e obteve seu registro na carteira profissional. O registro de jornalista, no entanto, só seria obtido em 10 de janeiro de 1944, sob o número 2416, no Serviço de Identidade Profissional. Clarice exerceria essa profissão até dois meses antes de falecer, excetuando-se o período em que viveu no exterior como esposa do diplomata Maury Gurgel Valente⁶.

Clarice Lispector fala para a TV Cultura, em entrevista ao programa “Panorama” no dia 1º de fevereiro de 1977 que, desde que começou a ler começou a escrever. Envia suas histórias para os jornais, como para a seção infantil do *Diário de Pernambuco* – Clarice morou no Recife quando criança –, mas não consegue que sejam publicadas. Ela percebe que as histórias que eram selecionadas para publicação possuíam enredo, apresentavam sequência de fatos, enquanto as suas pautavam-se em sensações e emoções. Mesmo assim, não muda a construção de seus textos. E Clarice confessa:

³ Informações presentes no prefácio escrito por Claire Williams para a obra *Entrevistas/Clarice Lispector*.

⁴ O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) foi criado por decreto presidencial em dezembro de 1939, com o objetivo de difundir a ideologia do Estado Novo junto às camadas populares. Informação disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/DIP>. Acesso em: 3 abr. 2020.

⁵ Agência de notícias criada em 1937 para divulgar atos do governo, notícias de interesse público e distribuição de propaganda governamental. Informação disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ag%C3%Aancia_Nacional_\(Brasil\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ag%C3%Aancia_Nacional_(Brasil)). Acesso em: 3 abr. 2020.

⁶ Informações presentes na obra *Clarice Lispector Jornalista: páginas femininas & outras páginas*, de Aparecida Maria Nunes. As datas, os jornais e as revistas citados neste ensaio têm como referência principal esse livro.

Lia as outras histórias, gostava mais das outras histórias que das minhas, mas não queria mudar, não me sentia injustiçada, porque percebia a razão da recusa sistemática. Mas era assim. Teimosa a ponto de, quando uma professora, me apontando um desenho meu, insinuou “falta uma coisa aqui, não é?”, eu respondi: “Nasceu assim, fica assim mesmo”. (LISPECTOR *apud* NUNES, 2006, p. 34).

Na mesma entrevista da TV Cultura, Clarice diz que sempre escreveu muito e, já adolescente, como era uma “tímida ousada”, levava seus textos para jornais e revistas, para tentar publicá-los. Certa vez, levou um conto à redação da revista carioca *Vamos Ler!*. Foi recebida por Raimundo Magalhães Júnior. E conta: “Ele olhou, leu um pedaço, olhou pra mim e disse: – Você copiou isso de quem? Eu disse: – De ninguém, é meu. – Você traduziu? Eu disse: – Não. Ele disse: – Então vou publicar”. (LISPECTOR, 1977).

Saem, então, naquela revista, os contos “Eu e Jimmy” e “Trecho”. Publicam a tradução de *O Missionário*, de Claude Farrère. E aparece a Clarice jornalista em “Uma hora com Tasso da Silveira” e “Uma visita à casa dos expostos”. Tem-se aí a Clarice ficcionista, entrevistadora, repórter e tradutora.

Ao mesmo tempo em que procura a revista *Vamos Ler!*, Clarice vai ao jornal *Dom Casmurro*, também do Rio de Janeiro. Esse periódico publica o conto “Cartas a Hermengardo” no dia 30 de agosto de 1941.

É Alberto Dines, no entanto, quem descobre o primeiro trabalho de Clarice na imprensa, na revista *Pan* do Rio de Janeiro, semanário que circulou de 1935 a 1940, pertencente à Editora Novidades e tendo José Scortecci como diretor-gerente. No dia 25 de maio de 1940 a revista publicou o conto “Triunfo”. Aparecida Maria Nunes afirma:

O resgate desse texto configura sua importância como documento que revela a escritora em formação. O estilo literário, o cuidado na escolha das palavras para apresentar as sensações das personagens femininas, o fluxo da consciência, o discurso centrado na mulher, a exposição de conflitos íntimos sobre os diferentes modos de amar são alguns aspectos que estão presentes na primeira publicação e que já caracterizam a escrita clariceana. (NUNES, 2006, p. 41).

A revista semanal *Vamos Ler!*, pertencente ao grupo empresarial *A Noite*, circulou de agosto de 1936 a meados da década de 1950. É nela que Clarice assume pela primeira vez a função de entrevistadora, que seria retomada mais tarde nas revistas *Manchete* (1968/1969) e *Fatos e Fotos/Gente* (1976/1977).

Ao fazer sua primeira entrevista, Clarice Lispector já assume características que serão marcas desse trabalho da escritora. Ela abre a matéria com um texto pessoal no qual faz algumas observações sobre o seu convidado, Tasso da Silveira, que tinha sido diretor do *Pan*:

Para mim, entrevistar Tasso da Silveira era continuar uma daquelas palestras tão profundas, nas quais eu assistia atenta o poeta resolver os grandes problemas do pensamento. Quando, na redação do *Pan*, sua mesa não estava muito atulhada de papéis e seu cigarro não queimava rápido demais, eu puxava uma cadeira e, assim como quem nada quer, dizia uma palavra, uma simples palavrinha. E em breve discutíamos a gênese do mundo, a significação da arte, a explicação do tempo e da eternidade... Eram problemas para mim, certezas para ele. (LISPECTOR *apud* NUNES, 2006, p. 47-48).

Mais tarde, nas revistas *Manchete* e *Fatos e Fotos/Gente*, Clarice adotaria essa mesma técnica de apresentar o entrevistado. É peculiar à escritora falar de si enquanto fala do entrevistado. Em muitas de suas entrevistas, ao perguntar algo, dá a sua resposta para a pergunta antes que seu entrevistado o faça:

– José Carlos Oliveira, vamos fazer uma entrevista ótima no sentido de sincera? Hoje não é o meu melhor dia porque estou muito gripada e triste. Mas mesmo assim, no meio de uma náusea sartriana que não passa de uma gripe nesta sexta-feira de noite, vamos fazer o possível. Quem é você, Carlinhos? (E, por Deus, quem sou eu?) Fora de brincadeira, o mundo está se acabando e nós não estamos fazendo nada e eu estou gripadíssima e de mãos sem força para ajudar os que imploram. Fale. Carlinhos. Fale. (LISPECTOR, 2007, p. 80).

Carlinhos responde, entre outras afirmações, que nem ele nem Clarice têm nada com o que está acontecendo com o mundo. De repente, de entrevistadora Clarice passa a entrevistada, pois suas angústias são colocadas em pauta, numa simbiose entre ela e o outro – entrevistadora e entrevistado. Percebe-se um afã de se mostrar, de achar resposta para as perguntas que, muito mais do que interrogações para o seu convidado, são questionamentos para que ela se entenda, para achar a si mesma.

Benedito Nunes afirma:

Nos personagens de Clarice Lispector, o Eu ameaçado, contestado, fica em suspenso e deixa-nos entrever a existência pura, contingente, irreduzível ao controle da vontade e ao entendimento. É essa existência absurda, ameaçadora e estranha, revelando-se nos indivíduos e a despeito deles, o único fundo permanente de encontro

ao qual as figuras criadas pela romancista se destacam e de onde retiram a densidade humana que as caracteriza. (1976, p. 121).

Pode-se assegurar que a análise do teórico a respeito das personagens clariceanas é perfeitamente aplicável à escritora em seus questionamentos nas entrevistas. “E, por Deus, quem sou eu?” (LISPECTOR, 2007, p. 80), pergunta-se Clarice, situando-se como um eu para quem a vida não tem uma resposta satisfatória. Benedito Nunes acrescenta sobre personagens da autora:

Movidos pelo desejo de ser, fonte profunda de onde brotam os seus desejos mundanos, desnudados em sua existência individual, o que neles transparece e se afirma é uma inquietação insondável. Participando da impulsividade do orgânico e das aspirações de caráter espiritual, essa inquietação, que corresponde à necessidade de ser, é mantida e desenvolvida pelo sentimento da existência, no qual todos os outros sentimentos desembocam. (NUNES, 1976, p. 121-122).

Questionando o ser e a existência de suas personagens, Clarice Lispector vê a si mesma e a seu entrevistado como personagens, recebendo o mesmo tratamento dado à ficção. A “inquietação insondável” de que fala o crítico transpõe o mundo fictício e propõe questionamentos na realidade empírica. O mundo assusta, o existir pressupõe algo a ser sempre desvendado, produzindo insegurança. Entrevistando Maria Bonomi⁷, esta diz a respeito de Fayga Ostrower⁸: “Me assustam um pouco as certezas que ela tem. Aliás, todas as pessoas que sabem das coisas e têm certezas me apavoram um pouco”. (LISPECTOR, 2007, p. 175). Clarice pondera consigo mesma: “(Maria Bonomi, se você soubesse como eu sou incerta e assustada...)”. (LISPECTOR, 2007, p. 175).

Prosseguindo a entrevista com José Carlos Oliveira, Clarice retruca ao entrevistado, quando ele afirma não terem nada a ver com tudo o que está acontecendo no mundo: “–Isso diz você que não tem filhos. Mas todo o mundo, Carlinhos, é meu filho e um filho a salvar. Como é que eu faço com tanto amor e tanta impotência? Não

⁷Maria Anna Olga Luiza Bonomi nasceu em Meina, Itália, em 1935 e atuou primeiramente como cenógrafa e figurinista, destacando-se nessas artes nos anos 1960. Naturalizou-se brasileira em 1953. Em 1956, formou-se em desenho na Universidade de Columbia, Nova York, e passou a atuar como artista plástica. Maria Bonomi é também gravadora, muralista, curadora, pintora e professora. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8447/maria-bonomi>. Acesso em: 3 abr. 2020.

⁸Fayga Perla Ostrower nasceu em Lodz, na Polônia, em 1920 e faleceu no Rio de Janeiro em 2001. A artista foi gravadora, pintora, desenhista, ilustradora, teórica da arte e professora. Seus trabalhos encontram-se nos principais museus do mundo. Disponível em: <http://faygaostrower.org.br/artista/biografia-resumida>. Acesso em: 3 abr. 2020.

me refiro apenas a meus dois filhos e sim aos filhos dos homens.” (LISPECTOR, 2007, p. 80).

Essa mesma preocupação – ter tanto amor e tanta impotência – angustia a personagem Ana, do conto “Amor”:

Já não sabia se estava do lado do cego ou das espessas plantas. O homem pouco a pouco se distanciara e em tortura ela parecia ter passado para o lado dos que lhe haviam ferido os olhos. O Jardim Botânico, tranquilo e alto, lhe revelava. Com horror descobria que pertencia à parte forte do mundo– e que nome se deveria dar a sua misericórdia violenta? Seria obrigada a beijar o leproso, pois nunca seria apenas sua irmã. Um cego me levou ao pior de mim mesma, pensou espantada. Sentia-se banida porque nenhum pobre beberia água nas suas mãos ardentes. Ah! era mais fácil ser um santo que uma pessoa! Por Deus, pois não fora verdadeira a piedade que sondara no seu coração as águas mais profundas? Mas era uma piedade de leão. Humilhada, sabia que o cego preferiria um amor mais pobre. E, estremeando, também sabia por quê. A vida do Jardim Botânico chamava-a como um lobisomem é chamado pelo luar. Oh! mas ela amava o cego! pensou com os olhos molhados. No entanto não era com este sentimento que se iria a uma igreja. Estou com medo, disse sozinha na sala. Levantou-se e foi para a cozinha ajudar a empregada a preparar o jantar. (LISPECTOR, 1974, p. 27).

Salvar os filhos dos homens, salvar o cego, salvar a humanidade na figura do cego, externar, na entrevista, o desejo e a impotência frente a uma realidade que se apresenta cada vez mais inquietante, que é “tortura”, “horror”, “medo”, mas também “misericórdia violenta”, como Ana sente, aproxima a Clarice entrevistadora de suas personagens tão inquietantes, como a Ana do conto “Amor”.

Nas entrevistas, podemos acompanhar outras preocupações essenciais da obra de Clarice Lispector, como o questionamento sobre o ato de escrever. Em certo trecho da entrevista com Carlinhos Oliveira, a escritora afirma: “– Carlinhos, nós dois escrevemos e não escolhemos propriamente essa função. Mas já que ela nos caiu nos braços, cada palavra nossa devia ser pão de se comer” (LISPECTOR, 2007, p. 81). Carlinhos, então, passa a questionar Clarice: “1) Clarice, por que é que você escreve? 2) Clarice, por que você não escreve?” (LISPECTOR, 2007, p. 81).

Nesse ponto da entrevista/diálogo, Clarice informa que estavam no restaurante Antonio’s e que as perguntas eram feitas por escrito e passadas a Carlinhos, que as respondia também por escrito. E Clarice escreve, respondendo às perguntas do entrevistado formuladas acima: “– Respondo às suas duas perguntas: é tarde demais

para mim – escrevo porque não posso ficar muda, não escrevo porque sou profundamente muda e perplexa.” (LISPECTOR, 2007, p. 81).

Quando entrevista Jorge Amado, Clarice afirma: “–Aqui, em Salvador, eu realmente senti que poderia escrever mais e melhor. Mas o Rio de Janeiro, com seu ar poluído, não é nada mau, Jorge. Coloca-nos frente a frente com condições adversas e também dessa luta nasce o escritor.” (LISPECTOR, 2007, p. 27).

O ar poluído do Rio metaforiza as condições adversas que provocam a escritora, tirando-a do conforto, retirando-lhe o ar dos pulmões. Ao questionar Jece Valadão⁹ sobre o que significa o cinema para ele e obter a resposta “– Hoje, para mim, cinema é oxigênio, sem o qual não consigo respirar” (LISPECTOR, 2007, p. 157), Clarice pensa “(Qual é o meu oxigênio? – pergunto-me eu e a resposta é um silêncio desolador.)” (LISPECTOR, 2007, p. 157).

Esse silêncio desolador parece coadunar com a ideia de sofrimento e de ser maldição o ato de escrever, como Clarice Lispector afirma em crônica de 14 de setembro de 1968: “Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. [...] Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva.” (1984, p. 191). Fazendo a ressalva de que não é “muito” o caso de quando escreve para jornal, Clarice explica “[...] É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui.” (1984, p. 191). Esse vício, no entanto,

Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada. (1984, p. 191).

Ainda sobre o questionamento do ato de escrever, Clarice pergunta a Fernando Sabino:

– Fernando, por que é que você escreve? Eu não sei por que eu escrevo, de modo que o que você disser talvez sirva para mim. [...] – Como é que começa em você a criação, por uma palavra, por uma ideia? É sempre deliberado o seu ato criador? Ou você de repente se vê escrevendo? Comigo é uma mistura. É claro que tenho o ato

⁹ Ator, produtor e diretor de cinema brasileiro. Nasceu em 1930 e morreu em 2006. Em 1962, estrelou o filme *Os Cafajestes*, o que lhe valeu a fama de homem rude e durão, um “cafajeste”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jece_Valad%C3%A3o. Acesso em: 3 abr. 2020.

deliberador, mas precedido por uma coisa qualquer que não é de modo algum deliberada. [...]

– Fernando, você tem medo antes e durante o ato criador? Eu tenho: acho-o grande demais para mim. E cada novo livro meu é tão hesitante e assustado como um primeiro livro. (LISPECTOR, 2007, p. 32-35).

Como a Clarice entrevistadora, Rodrigo S. M., narrador de *A Hora da Estrela*, traz à cena inúmeras vezes o questionamento sobre o ato de escrever:

Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever. [...]

Pretendo, como já insinuei, escrever de modo cada vez mais simples. Aliás o material de que disponho é parco e singelo demais, as informações sobre os personagens são poucas e não muito elucidativas, informações essas que penosamente me vêm de mim para mim mesmo, é trabalho de carpintaria.

Sim, mas não esquecer que para escrever não-importa-o-quê o meu material básico é a palavra. Assim é que esta história será feita de palavras que se agrupam em frases e destas se evola um sentido secreto que ultrapassa palavras e frases. [...]

(Escrevo sobre o mínimo parco enfeitando-o com púrpura, joias e esplendor. É assim que se escreve? Não, não é acumulando e sim desnudando. Mas tenho medo da nudez, pois ela é a palavra final.) (LISPECTOR, s.d., p. 31, 34-35, 107).

O narrador de *A Hora da Estrela* oscila, como a cronista/escritora, entre o simples e o elaborado, entre o “escrever de modo cada vez mais simples” com poucas informações e material “parco e singelo” e acumular elementos na escrita. Sabe que enfeitar não lhe convém, mas o nu a atemoriza. E nessa dúvida vão-se construindo os textos de Clarice, que não se cansa de voltar a externar a dificuldade do trabalho com a palavra:

Romance

Ficaria mais atraente se eu o tornasse mais atraente. Usando, por exemplo, algumas das coisas que emolduram uma vida ou uma coisa ou romance ou um personagem. É perfeitamente lícito tornar atraente, só que há o perigo de um quadro se tornar quadro porque a moldura o fez quadro. Para ler, é claro, prefiro o atraente, me cansa menos, me arrasta mais, me delimita e me contorna. Para escrever, porém, tenho que prescindir. A experiência vale a pena, mesmo que seja apenas para quem escreveu. (LISPECTOR, 1964, p. 139).

De março de 1959 a janeiro de 1964, Clarice publicou em *Senhor*. Seu primeiro texto naquele periódico foi o conto “A menor mulher do mundo”, no primeiro número

da revista. Mais tarde, passa a escrever, no mesmo veículo, uma coluna denominada “Children’s Corner”. Os textos dessa coluna foram reunidos sob o título de “Fundo de Gaveta” e publicados como uma segunda parte de *A Legião Estrangeira* (1964). Desse material jornalístico também surgem textos que reforçam a necessidade de Clarice questionar o ato de escrever, como o anterior e os seguintes:

Mas já que se há de escrever...

Mas já que se há de escrever, que pelo menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas. (LISPECTOR, 1964, p. 137).

Submissão ao processo

O processo de escrever é feito de erros – a maioria essenciais – de coragem e preguiça, desespero e esperança, de vegetativa atenção, de sentimento constante (não pensamento) que não conduz a nada, não conduz a nada, e de repente aquilo que se pensou que era “nada” era o próprio assustador contato com a tessitura de viver – e esse instante de reconhecimento, esse mergulhar anônimo na tessitura anônima, esse instante de reconhecimento (igual a uma revelação) precisa ser recebido com a maior inocência de que se é feito. O processo de escrever é difícil? mas é como chamar de difícil o modo extremamente caprichoso e natural como uma flor é feita. (Mamãe, me disse o menino, o mar está lindo, verde e com azul, e com ondas! está todo anaturezado! todo sem ninguém ter feito ele!) A impaciência enorme ao trabalhar (ficar de pé junto da planta para vê-la crescer e não se vê nada) não é em relação à coisa propriamente dita, mas à paciência monstruosa que se tem (a planta cresce de noite). Como se se dissesse: “não suporto um minuto mais ser tão paciente”, “a paciência do relojoeiro me enerva” etc. O que impaciente mais é a pesada paciência vegetativa, boi servindo de arado. (LISPECTOR, 1964, p. 178-179).

Em 1962, a revista *Senhor* muda de dono e Clarice escreve, então, para a seção “Sr. & Cia”, além de publicar crônicas e contos fora da coluna.

Convidada por Alberto Dines, Clarice passa a escrever crônicas semanais para o Caderno B do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, atividade que dura de 1967 até final de 1973. De 1968 a 1973, ela escreve para o *Correio do Povo*, de Porto Alegre, e a partir de outubro de 1971 seus textos aparecem na página 5 do Caderno C do *Jornal da Cidade*, de Bauru. De 1968 a 1969, entrevista personalidades para a revista *Manchete*, numa coluna de nome “Diálogos Possíveis com Clarice Lispector”.

As contribuições publicadas no *Jornal do Brasil* foram reunidas, em ordem cronológica, num volume intitulado *A Descoberta do Mundo*, publicado em 1984 pela Editora Nova Fronteira.

Clarice Lispector sempre expressou a dificuldade de escrever para jornal como uma atividade regular, principalmente crônicas, que ela dizia não saber fazer. Em

depoimento a Aparecida Maria Nunes, Hélio Pelegrino diz que certa vez Clarice lhe telefonou em pânico, dizendo: “Hélio, eu não sei como vou fazer essas crônicas. Eu não sei fazer crônica. Eu não sei como vou fazer!” (NUNES, 2006, p. 92).

No volume que reúne os textos publicados no *Jornal do Brasil*, Paulo Gurgel Valente, filho da escritora, assina uma nota em que diz:

Julgamos que seria importante oferecer ao leitor esta visão geral, que de outra forma ficaria dispersa, destes textos que não se enquadram facilmente como crônicas, novelas, contos, pensamentos, anotações. Pelo período abrangido, em que foram escritos e publicados outros livros, é possível identificar o trânsito de situações e personagens entre o texto do jornal e estes livros. (VALENTE, 1984, p. 5).

Pelo material presente em *A Descoberta do Mundo* (1984), constata-se como Clarice Lispector lida com a atividade jornalística, levando-a, na maioria das vezes, para relatos, histórias, pequenos contos, questionamentos, textos que fogem ao que é crônica *stricto sensu*.

Uma crônica de 22 de junho de 1968 exemplifica os questionamentos constantes da escritora sobre o ato de escrever para jornal:

Ser cronista

Sei que não sou, mas tenho meditado ligeiramente no assunto. [...] Crônica é um relato? É uma conversa? É o resumo de um estado de espírito? Não sei, pois antes de começar a escrever para o *Jornal do Brasil*, eu só tinha escrito romances e contos. Quando combinei com o jornal escrever aqui aos sábados, logo em seguida morri de medo. [...] [...] à medida que escrevia para aqui, ia me tornando pessoal demais, correndo o risco daqui em breve de publicar minha vida passada e presente, o que não pretendo. Outra coisa notei: basta eu saber que estou escrevendo para jornal, isto é, para algo aberto facilmente por todo o mundo, e não para um livro, que só é aberto por quem realmente quer, para que, sem mesmo sentir, o modo de escrever se transforme. (LISPECTOR, 1984, p. 155-156).

Escrever para jornal pressupõe outra forma de escrever com a qual a escritora de contos e romances não está familiarizada, o que provoca a insegurança declarada por ela. E essa outra forma tem a ver com o veículo: no jornal, a relação com o público leitor é bem diferente da relação daquele a que estava afeita a escritora. Clarice pondera, na mesma crônica, que mudar o modo de escrever não é necessariamente ruim, porém gostaria que fossem “[...] mudanças mais profundas e interiores que então viessem a se refletir no escrever.” (LISPECTOR, 1984, p. 156). A leveza, a diversão, a não

profundidade dos textos para agradar o leitor fazem-na confessar: “[...] Vou dizer a verdade: não estou contente.” (LISPECTOR, 1984, p. 156).

No dia 6 de novembro de 1971, Clarice escreve cinco pequenos textos em sua coluna semanal, dentre eles:

A experiência maior

Eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o âmagô dos outros: e o âmagô dos outros era eu. (LISPECTOR, 1984, p. 604).

Escrever as entrelinhas

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever *distraidamente*. (LISPECTOR, 1984, p. 605; grifo da autora).

Ser cronista era, então, para Clarice, um trabalho em que os questionamentos do ser e da escrita eram constantemente levados à lauda semanal, como os textos citados e muitos outros presentes nas 781 páginas de *A Descoberta do Mundo*. Há, também, comentários sobre espetáculos do momento, programas de televisão, entrevistas, lembranças de infância, reflexões sobre diferentes assuntos. Sobre o programa do Chacrinha¹⁰, Clarice escreve em 7 de outubro de 1967:

Chacrinha?!

De tanto falarem em Chacrinha, liguei a televisão para seu programa que me pareceu durar mais que uma hora.

E fiquei pasma. Dizem que esse programa é atualmente o mais popular. Mas como? O homem tem qualquer coisa de doido, e estou usando a palavra *doido* no seu verdadeiro sentido. O auditório também cheio. É um programa de *calouros*, pelo menos o que eu vi. Ocupa a chamada *hora nobre* da televisão. O homem se veste com roupas loucas, o calouro apresenta seu número e, se não agrada, a buzina do Chacrinha funciona, despedindo-o. Além do mais, Chacrinha tem algo de sádico: sente-se o prazer que tem em usar a buzina. E suas

¹⁰José Abelardo Barbosa de Medeiros (1917-1988), o Chacrinha, começou a carreira artística no rádio e posteriormente tornou-se um dos maiores talentos da televisão brasileira. Considerado um grande comunicador, o Velho Guerreiro criou um estilo próprio de programa de auditório. Usava uma buzina para encerrar as apresentações de calouros, distribuía abacaxi para a plateia, trajava figurinos extravagantes e tornou famosos alguns bordões, como “Alô, alô, Terezinha” e “Quem não comunica se trumbica”. Informações disponíveis em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/chacrinha/> e <https://pt.wikipedia.org/wiki/Chacrinha>. Acesso em: 19 mai. 2020.

gracinhas se repetem a todo o instante – falta-lhe imaginação ou ele é obcecado.

[...]

Não entendo. Nossa televisão, com exceções, é pobre, além de superlotada de anúncios. Mas Chacrinha foi demais. Simplesmente não entendi o fenômeno. E fiquei triste, decepcionada: eu queria um povo mais exigente. (LISPECTOR, 1984, p. 31-32; grifos da autora).

Outra incursão de Clarice Lispector no jornalismo diz respeito às páginas femininas que assinou.

Em 1952, Rubem Braga criou, com Joel Silveira e Rafael Corrêa de Oliveira, o jornal *Comício*, cujo primeiro número foi às bancas no dia 15 de maio de 1952. Para assinar a coluna “Entre Mulheres”, que ocupava uma página inteira do tabloide, Rubem Braga convida Clarice Lispector, que escreve sob o pseudônimo de Tereza Quadros.

O periódico teve vida breve, de cinco meses, e durante esse período a coluna “Entre Mulheres” foi publicada 17 vezes.

A página compõe-se de pequenos textos narrativos, notas, às vezes uma crônica, fotografias de moda com modelos dos grandes costureiros da época, conselhos para a mulher envolvida com casa, filhos, etiqueta, moda. Tereza Quadros usa um tom confidencial de quem dá conselhos em textos curtos, objetivos e de fácil assimilação. Na edição de 8 de agosto de 1952, ao lado de uma gravura de roupa feminina, aparece o seguinte texto:

A grande moda é assim: são os pequenos detalhes, quase imperceptíveis, que constroem o conjunto. Neste modelo, por exemplo, o corte “raglan” das mangas, combinado com uma lapela ovalada, semidrapeada, dá a impressão de que no conjunto não há uma só linha reta. Todo movimento parece gentilmente curvo, e tira a severidade do sóbrio tecido de inverno. (LISPECTOR *apud* NUNES, 2006, p. 120).

Nesse mesmo dia, sob o título “Meio cômico, mas eficaz...”, Tereza Quadros apresenta uma receita para matar baratas.

De que modo matar baratas? Deixe, todas as noites, nos lugares preferidos por esses bichinhos nojentos, a seguinte receita: açúcar, farinha e gesso, misturados em partes iguais. Essa iguaria atrai as baratas que a comerão radiantes. Passado algum tempo, insidiosamente o gesso endurecerá dentro das mesmas, o que lhes causará morte certa. Na manhã seguinte, você encontrará dezenas de baratinhas duras, transformadas em estátuas. Há ainda outros processos. Ponha, por exemplo, terebentina nos lugares frequentados

pelas baratas: elas fugirão. Mas para onde? O melhor, como se vê, é mesmo engessá-las em inúmeros monumentozinhos, pois “para onde” pode ser outro aposento da casa, o que não resolve o problema (LISPECTOR, 2020a, n. p.).

Como em muitos outros textos de Clarice para jornal, essa receita se transforma em um conto, “A Quinta História”:

Esta história poderia chamar-se ‘As Estátuas’. Outro nome possível é ‘O Assassinato’. E também ‘Como Matar Baratas’. Farei então pelo menos três histórias, verdadeiras porque nenhuma delas mente a outra. Embora uma única, seriam mil e uma, se mil e uma noites me dessem. A primeira, ‘Como Matar Baratas’, começa assim: queixei-me de baratas. Uma senhora ouviu-me a queixa. Deu-me a receita de como matá-las.[...]

A outra história é a primeira mesmo e chama-se ‘O Assassinato’. Começa assim: queixei-me de baratas. Uma senhora ouviu-me. Segue-se a receita. [...]

A terceira história que ora se inicia é a das ‘Estátuas’. Começa dizendo que eu me queixara de baratas. Depois vem a mesma senhora. [...]

A quarta narrativa inaugura nova era no lar. Começa como se sabe: queixei-me de baratas. [...]

A quinta história chama-se ‘Leibnitz e a Transcendência do Amor na Polinésia’. Começa assim: queixei-me de baratas. (LISPECTOR, 1964, p. 91).

Clarice Lispector foi também Helen Palmer na seção “Correio Feminino – Feira de Utilidades”, publicada às quartas e sextas-feiras, no segundo caderno do *Correio da Manhã*, de 21 de agosto de 1959 a fevereiro de 1961. Pequenas notas sobre beleza, moda, saúde, comportamento, problemas domésticos, culinária, curiosidades e frases de escritores sobre a mulher e o casamento compõem a coluna. Menos elaborada que a coluna de Tereza Quadros, a de Helen Palmer aparece com poucas ilustrações e traz sempre um quadrinho de uma personagem chamada Amélia, que não é criação de Helen Palmer, mas material de divulgação da agência Apla.

Em 27 de outubro de 2013, o programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão, estreou a série “Correio Feminino”, encenando o que Helen Palmer segreda para suas leitoras a respeito de diferentes assuntos do “universo feminino”. O primeiro episódio da série foi sobre sedução, e uma voz acariciante aconselha:

Sedução é sutileza. Isso vale para todas nós. Julgar porque se casou está dispensada de seduzir seu marido é um erro grave. Ele pode esquecer a figura bonita que o atraiu antes, pode começar a se

perguntar o que existe afinal em você de tão interessante. E a resposta é perigosa, minha cara. Afinal podemos pensar deles o que quisermos, mas precisamos deles para completar a nossa felicidade, não é mesmo? Façamos, portanto, por conquistá-los. Você pode ser irresistível, mesmo sem ter beleza. É isso mesmo! Não existem mulheres feias. Rosto sem graça tem jeito, excesso de peso tem jeito. Cabelos sem vida? Têm jeito. O remédio? O remédio é não ser uma desanimada triste. Um outro remédio...é ser você mesma! Mas um você mesma mais atraente. (LISPECTOR *apud* FANTÁSTICO, 2013).

A coluna de Helen Palmer reproduz estereótipos a respeito da relação matrimonial, uma forma de pensar em que a mulher precisa agradar o marido para que ele não se interesse por outras mulheres. A mulher precisa se cuidar, ela é a responsável por manter o interesse do marido, e esse interesse é mantido a partir de aspectos físicos. Reproduzem-se, assim, os interesses da mulher brasileira num momento do século XX em que o grito de libertação de pioneiras feministas ainda não chegara à grande massa feminina e a liberdade sexual dos anos 1960 ainda estava prestes a aflorar.

Em 1960, Clarice Lispector aceita o convite de Alberto Dines para escrever mais uma coluna feminina, agora no *Diário da Noite*, do Rio de Janeiro, como *ghost writer* da modelo e atriz Ilka Soares, símbolo de beleza, fama e feminilidade naquela época. A coluna vigora de abril de 1960 a março de 1961.

A coluna intitulava-se “Só para Mulheres”, e mantém esquema semelhante aos das outras colunas femininas. Só que agora o público conhecia Ilka Soares e seu rosto aparece na página, criando a ilusão de que a modelo e atriz conversa com seu público. Aparecida Maria Nunes informa:

Algumas vezes, Clarice Lispector constrói títulos simples, de uma palavra apenas, que orientam a leitora para a ocasião (“Praia”, “*Cocktail*”) ou para algum detalhe do tecido (“Listas”). Em outros momentos elabora frases (“Tafetá serve para frio”), exprime uma informação (“Jackie lança a linha ‘K’”) ou registra uma emoção (“Isto é um Dior!!!”). (LISPECTOR *apud* NUNES, 2006, p. 256).

Nessas e em outras colunas femininas, Clarice permanece no universo da mulher criada segundo os padrões eurocêntricos, e atende à necessidade do veículo de vender exemplares e às dos patrocinadores de vender os produtos.

Assumindo máscaras, assinando C. L. ou sendo ela mesma, Clarice Lispector, a escritora confessou: “Quando escrevo pra jornal, eu procuro ser o mais simples possível.” (LISPECTOR *apud* PASTURA, 2020).

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. A nova narrativa. *In*: CANDIDO, A. **A Educação pela noite & outros ensaios**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989, p. 199-215.

FANTÁSTICO. Correio Feminino [2013]. Disponível em:
<http://g1.globo.com/fantastico/videos/v/v/2913487/>. Acesso em: 3 abr. 2020.

FUKELMAN, C. **Roupas, objetos e espaços**: a cultura material em Clarice Lispector. 2015. 237 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LISPECTOR, C. **A Hora da Estrela**. Coleção Mestres da Literatura Brasileira e Portuguesa. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, s/d.

LISPECTOR, C. **A Legião Estrangeira** – contos e crônicas. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.

LISPECTOR, C. Amor. *In*: **Laços de Família**. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

LISPECTOR, C. Panorama com Clarice Lispector. Entrevista à TV2 Cultura, em 1º de fevereiro de 1977. Disponível em:
<https://www.rocco.com.br/especial/claricelispector/>. Acesso em: 3 abr. 2020.

LISPECTOR, C. **Entrevistas/Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LISPECTOR, C. Entrevista. *In*: PASTURA, D. L. **Clarice Lispector**: Um reencontro. Disponível em:
https://web.archive.org/web/20120710053038/http://patriciagreco.multiply.com/journal/item/66/Clarice_lispector_Um_reencontro. Acesso em: 19 mai. 2020.

LISPECTOR, C. **A Descoberta do Mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

LISPECTOR, C. A mulher do pós-guerra nas colunas femininas escritas por Clarice Lispector na imprensa carioca. **Recorte** – Revista de Linguagem, Cultura e Discurso, Ano 3, n. 5, julho/dezembro de 2006. Disponível em:
<http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/2096>. Acesso em: 19 mai. 2020a.

NUNES, A. M. **Clarice Lispector jornalista**: Páginas femininas & Outras páginas. São Paulo: Editora Senac, 2006.

NUNES, B. **O dorso do tigre**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

VALENTE, P. G. Nota. *In*: LISPECTOR, C. **A Descoberta do Mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

WILLIAMS, C. Clarice 'Entre-vistas'. In: LISPECTOR, C. **Entrevistas/Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

Data de submissão: 10/06/2019

Data de aprovação: 25/11/2019